



Eu cheguei até aqui

Gabriel Vicente Pontes (Gab Pontes)

Desde o mês de março, entramos em colapso com a proliferação incontrolável do novo covid-19 no mundo inteiro, através dos corpos infectados, dos noticiários, e do terror diante da enfermidade. Ignorando todas as demarcações territoriais dos países, com seus refinados idiomas, governos e moedas nacionais, o “pequeno invisível” nos pegou de surpresa e modificou em pouquíssimo tempo nossas formas de sociabilidade. A modificação não é necessariamente colocar o mundo para marchar em outra direção, mas talvez intensificar forte e cruelmente processos que já estavam ocorrendo, como a comunicação através das redes virtuais, a expansão do mercado online, o consumo de pornografia pelo celular, o abuso familiar contra mulheres, idosos, crianças, animais de estimação, e também a solidão vivida por milhares de pessoas trans.

O “pequeno invisível” modificou também a relação íntima com nós mesmos e como sentimos a nossa existência no mundo. Digo isso porque acompanho relatos de muitas pessoas, converso com algumas, observo outras... Mas principalmente porque a minha relação comigo mesmo foi profundamente modificada. Nesse curto espaço de tempo, tive que aprender a lidar e conviver com todos os **eus** que me habitam: meu eu homem, eu carrasco, eu sensível, eu objetivo, eu medroso, eu chefe, eu escravo... Conversamos, dormimos, cozinhamos, sorrimos, estudamos, assistimos filme, choramos e gozamos juntos todo dia. Um fez companhia ao outro.

Vivi esse período de isolamento social sozinho, em um apartamento até confortável, apenas na companhia de dois gatinhos (não menos importantes do que gente). No início, foi assustador me perceber tão só. Não que estar só fosse novidade, pois sempre me senti só, sempre estabeleci uma cuidadosa distância entre eu e os outros, e eu e o mundo, eu e os lugares. Porém, estar confinado pelo medo de adoecer é assustador. Mexe sem dó nos fantasmas da morte, do desamparo e da solidão. Constantemente pensei “não queria ser solteiro... queria ter laços mais fortes com minha avó, com minha mãe... queria estar na companhia de alguém... e se eu morrer? E se eu adoecer aqui?” Medos infantis, medos paranoicos, medos inventados, mas medos que são totalmente compreensíveis de serem sentidos. Tudo se tornou mais intenso ainda, pois me autodeclarei trans recentemente, e comecei a tomar a querida testosterona



também não faz muito tempo. Acredito que ainda estou me adaptando, me autoconhecendo, sentindo meu corpo mudar lentamente... Conteí a amigos, colegas da Universidade, pessoas distantes que olham minhas redes sociais, porém ainda me falta coragem de contar para a família. E é óbvio que não contar para a família está diretamente interligado com os medos. Fico eufórico pensando como vai ser minha barba, mas ao mesmo tempo me angustio pensando em como explicar minha barba para essas pessoas que chamo de família.

No entanto, à medida que os meses foram passando com o isolamento social, eu fui me sentindo muito mais confiante em estar só. Comecei a sentir verdadeiro prazer na companhia dos meus **eus**, a me sentir mais confortável na minha própria presença. Também passei a olhar meu corpo tentando não julgá-lo tanto, tentando ter paciência com as mamas intrusas, tentando entender que cada coisa tem sua hora certa para acontecer. Tudo isso, dia após dia, está me tornando o homem que eu sou. Esse homem que estou me tornando é muito mais forte do que ele era em março. Muito mais potente do que ele era antes mesmo dessa pandemia existir. Esse homem que sou eu sabe que tem muitos desafios pela frente, mas já cheguei até aqui né?! Pra trás é que eu não volto mais.